
Tríades que rumam ao infinito: uma proposta de representação visual diagramática das categorias fenomenológicas em Peirce

Cândida Almeida¹

Resumo: Proposta de representação visual diagramática das três categorias que fundamentam a teoria fenomenológica do semioticista norte-americano Charles Sanders Peirce. Através de um exercício projetual, apresenta um processo de tradução dos conceitos de fenômeno, primeiridade, secundidade e terceiridade para o discurso visual ilustrado. Além das próprias categorias fenomenológicas e da noção de fenômeno em si, o artigo traz, de maneira indicativa, o modo como as três categorias se engendram nos processos fenomênicos. A partir do suporte da linguagem visual, o objetivo é auxiliar o entendimento, a aplicação e a explicação a complexa teoria semiótica, cujo fundamento científico está em sua fenomenologia.

Palavras-chave: semiótica peirceana; fenomenologia; diagrama; linguagem visual

Abstract: Visual diagrammatic representation proposal of the three categories that support the phenomenological theory of American semanticist Charles Sanders Peirce. Through a projectual activity, it presents a translation process of the phaneron, firstness, secondness and thirdness concepts to the illustrated visual discourse. Beyond the phenomenological categories and the phenomenon concept, the article brings by the indicative way, how the three categories are engendered in the phenomenological processes. By using the visual language support, the aim of the proposal is to help the understanding, application and explanation of the complex semiotic theory, whose scientific basis is in its phenomenology.

Keywords: peircean semiotics; phenomenology; diagram; visual language

¹ Professora do Centro Universitário Senac de São Paulo, da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP-SP) e da Pós-graduação em Estéticas Tecnológicas da PUC-SP. Email: candidaalmeida@yahoo.com.br.

A teoria semiótica vem sedimentando seu território na área das ciências da comunicação como ferramenta conceitual para análise de objetos e processos de comunicação independentemente da linguagem, mídias e meios em que ocorrem. Além de sua capacidade analítica, a ciência dos signos vem se tornando fundamental ao desenvolvimento seguro de mensagens, peças e toda a sorte de informações que estejam sendo projetadas com o intuito de determinar quais tipos de signos são capazes de conduzir o modo de interpretação do ser humano nos processos comunicacionais.

Essa força da Semiótica reside no fato de ela ser uma teoria que dá conta de elucidar o papel de cada signo (informação, atores, meios, mídias, interfaces, suportes, ruídos, etc.) nesse processo, bem como tornar claros os modos de apreensão e efeitos contíguos que se arrolam nos interpretadores das informações das mensagens. Enfim, a Semiótica vem se consolidando (principalmente no campo da Comunicação Social) como uma ferramenta metodológica para os estudos e processos criativos, de modo que cada vez mais cresce a demanda pelo seu claro entendimento e suas formas de aplicação.

Por se tratar de uma ciência que habita em muitos momentos o campo da subjetividade e por seu entendimento exigir uma postura crítica e um modo de raciocínio metodológico específico, muitos estudiosos, alunos e professores, acabam encontrando dificuldade em entender os meandros dessa ciência. Tendo em vista a demanda sobre o uso da Semiótica como ferramenta metodológica e a importância de deixarmos cada vez mais claros os fundamentos dessa teoria é que entendemos a necessidade de apontar caminhos alternativos, mas não menos profundos, para apreensão de seus fundamentos conceituais. Nesse sentido, encontramos na linguagem visual gráfica uma extensão saudável para esse processo de compreensão.

Antes de seguir, é de suma importância deixar claro que faz-se, aqui, referência específica ao estudo da Semiótica Peirceana e, mais especificamente, da Fenomenologia Peirceana. Teoria desenvolvida e defendida pelo filósofo e

cientista norte-americano, Charles Sanders Peirce (*1839 -†1914) no final do século XIX e início do século XX.

A partir de munção criativa e projetual advinda da experiência prática no campo do design e criação gráfica, apresenta-se através deste artigo, um diagrama visual que representa as três categorias fenomenológicas e seus modos de relação/inter-relação da essência de todo e qualquer fenômeno. Categorias estas que dão todo fundamento conceitual para a Semiótica de Peirce.

A semiótica e a classificação das ciências em Peirce

Como dito na nota de número 2, a definição mais geral para o termo Semiótica é ciência dos signos. Cabe à Semiótica o estudo do que é o signo, o que o compõe, o que representa e como estas instâncias (ser, compor, representar) se relacionam. É através dos signos (estudo de suas partes e dos tipos e classes existentes) que podemos analisar o modo de ser de todo e qualquer fenômeno, seja ele: um objeto materializado; um organismo e suas partes; o espaço; pensamentos; qualidades; desejos; atitudes; sentimentos e toda sorte de ocorrência, sejam elas, materiais ou não, inteligíveis ou não. A grande importância da Fenomenologia Peirceana recai sobre a consideração de que todo e qualquer fenômeno não ocorre de forma isolada, mas como resultado de um contexto interpretativo específico. Assim, analisar um dado fenômeno é ir em busca da elucidação dos possíveis processos de representação e de produção de sentido dele decorrentes, sempre considerando as especificidades de seu contexto. A Semiótica é uma disciplina de importante destaque na Filosofia de Peirce, tendo o autor desenvolvido, ainda, profundos estudos nas áreas de química, física, matemática, astronomia, entre outras áreas no campo das ciências exatas, naturais e culturais.

Foi suportado por tamanho conhecimento científico que Peirce organizou as ciências e suas disciplinas dentro de uma arquitetura, classificando-as e posicionando-as conforme níveis de generalidade e abstração. Isso significa dizer que na classificação peirceana das ciências,

Quanto mais abstrata é a ciência, mais ela é capaz de fornecer princípios para as menos abstratas. Do mesmo modo que a filosofia extrai da matemática muitos dos seus princípios, é da filosofia que as ciências especiais recebem seus princípios. (Santaella, 2001, p.34)

Entender a classificação das ciências é fundamental para que possamos reconhecer o papel que a Fenomenologia e a Semiótica ocupam no pensamento de Peirce. Entendida por ele como sinônimo de Lógica, a Semiótica é um tipo de Ciência Normativa (segunda ramificação da Filosofia) que tem toda sua base fundamentada pela Fenomenologia (primeira ramificação da Filosofia). A organização esquemática proposta pelo autor pressupõe um raciocínio diagramático que é recorrentemente apresentado conforme o quadro abaixo:

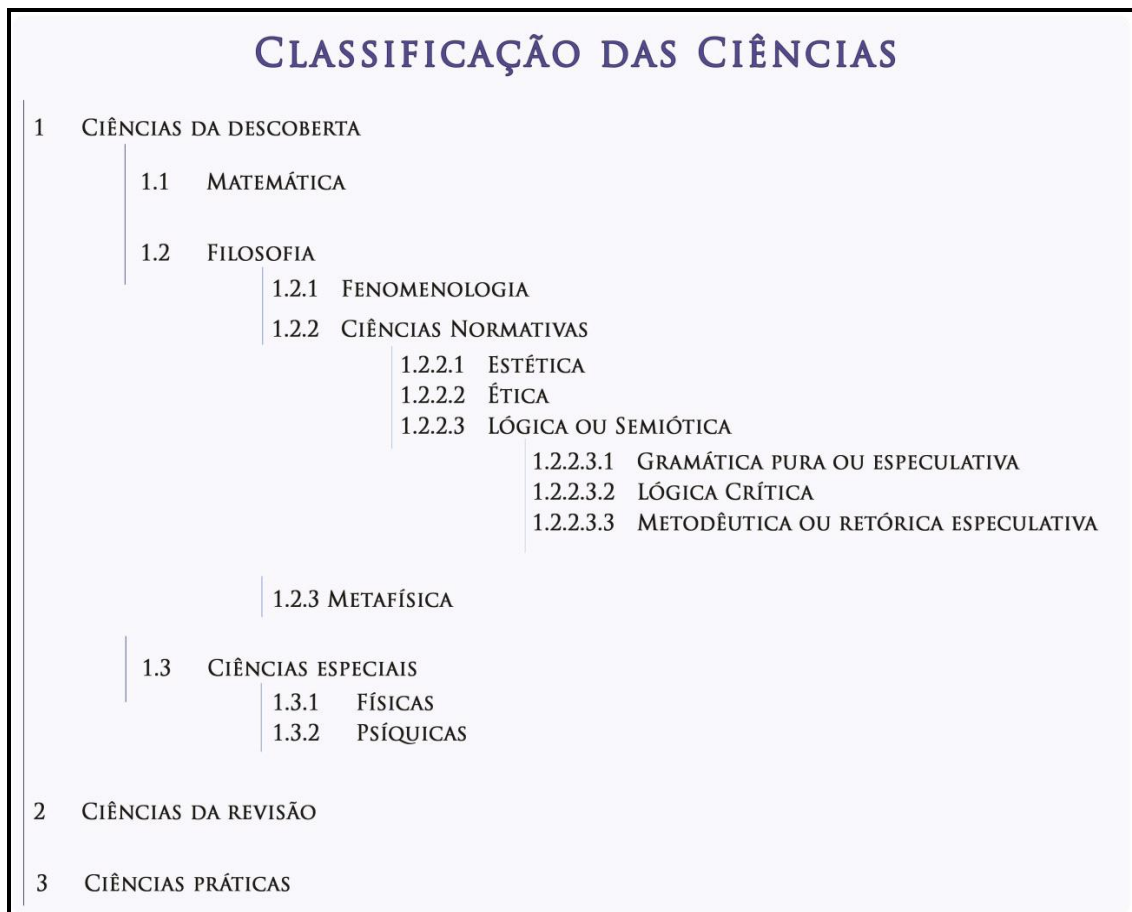


Figura 1: Reprodução do diagrama clássico de classificação das ciências de Peirce

Apesar de expor claramente subdivisões e estrutura hierárquica entre as ciências, esse tipo de representação não pressupõe visualmente as relações de

trocas que existem entre elas. Ainda recorrendo a Santaella (1992), na passagem intitulada “A cartografia das Ciências” do livro “A Assinatura das Coisas: Peirce e a Literatura”, a autora reflete sobre a classificação peirceana das ciências, defendendo a ideia de que essa concepção deve ser entendida como uma cartografia, uma orientação para o entendimento de como Peirce encarou o desenvolvimento científico. Para ele, as ciências estão longe de serem consideradas como mecanismos de estudos particulares. Ao contrário, elas fazem parte de processos “vivos” de confluência do conhecimento humano em busca da verdade. “A ciência se caracterizará por um crescimento persistente, do que decorre que os limites de uma ciência particular sempre tenderá a ficar borrado nos limites de outras” (Santaella, 1992, p. 111).

Com o objetivo de oferecer um discurso visual que possa melhor representar o engendramento entre as ciências, está apresentado a seguir, um diagrama (diagrama 1) que não só demonstra suas classificações, mas indica seus modos de inter-relacionamento, tal como Peirce os concebeu.

A classificação das ciências, bem como o próprio pensamento científico de Peirce, tem suas bases fundamentadas na Fenomenologia, ciência responsável pela apresentação das três categorias universais que guiam a ocorrência dos fenômenos. As ciências – mais especificamente, os cientistas – postulam suas hipóteses através da observação fenomenológica dos objetos em seus sistemas e ambientes específicos, como a natureza, a sociedade, os organismos, a energia, o corpo, entre outros tantos ambientes. Partindo do pressuposto de que cada ciência trata seu objeto sob a perspectiva de uma dada ocorrência, é válido concordar com Peirce no sentido de que a Fenomenologia é base para a descoberta científica. Essa dedução torna-se ainda mais contundente se for observado que a Fenomenologia é um ramo da Filosofia (princípio geral da especulação científica) que, por sua vez, é derivada das Ciências da Descoberta. Ou seja, a descoberta científica é, por si, uma investigação fenomênica e deste modo deve ser tratada em princípio.

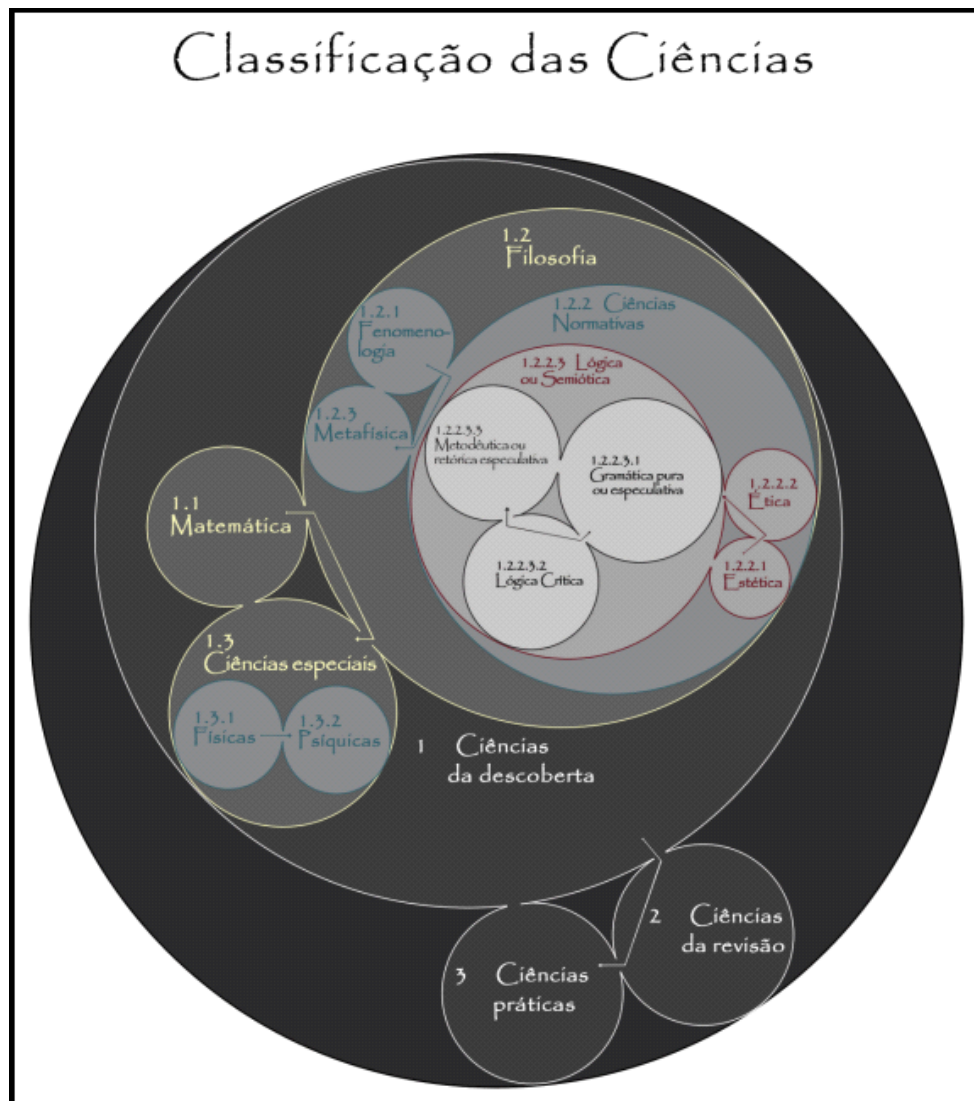


Diagrama 1: Representação visual diagramática da classificação das ciências de Peirce.
Publicado inicialmente por Cândida Almeida (2009, pág. 27)

As tríades em Peirce

As proposições teóricas de C. S. Peirce são apresentadas, recorrentemente, através da enunciação de três conceitos correlatos. É tamanha a

ocorrência desse tipo de estrutura que podemos tratar o pensamento peirceano, e mais especificamente a Semiótica Peirceana, como triádicos, por excelência.

Peirce tinha um cuidado científico muito pertinente em relação ao que ele chamou de “Ética da Terminologia”. Para ele, “A ciência está continuamente ganhando novos conceitos, e todo novo conceito científico deveria receber uma nova palavra ou, melhor, uma nova família de palavras cognatas” (Peirce, 1999, p. 40). É baseado nesse cuidado que Peirce atribui o termo Faneroscopia aos seus estudos fenomenológicos. A Faneroscopia (Fenomenologia Peirceana) cuida do entendimento do que é o *faneron* (fenômeno). Para Peirce, o *faneron* é todo e qualquer elemento observável, qualquer coisa que se apresente em uma mente qualquer, sem que haja necessidade de considerar a sua realidade.

Phaneroscopy is the description of the phaneron; and by the phaneron I mean the collective total of all that is in any way or in any sense present to the mind, quite regardless of whether it corresponds to any real thing or not. If you ask present when, and to whose mind, I reply that I leave these questions unanswered, never having entertained a doubt that those features of the phaneron that I have found in my mind are present at all times and to all minds. So far as I have developed this science of phaneroscopy, it is occupied with the formal elements of the phaneron. (CP 1.284)

Os elementos formais do estudo dos *fanerons* aos quais Peirce faz referência na passagem acima é o desenvolvimento das três categorias fenomenológicas. Cabe à Fenomenologia o governo do modo de ser da experiência. Qualquer elemento material, ação, pensamento, qualidade ou sentimento pode ser observado de forma fenomenológica, do modo de sua ocorrência, seja qual for a natureza. A esse respeito, Ivo Ibri (1992) esclarece que a fenomenologia por entender “a formação dos modos de ser de toda experiência ou categorias, parece não poder submeter-se a outro método de que não aquele constituído, fundamentalmente, pela coleta de elementos de incidência notável e pela posterior generalização de suas características”. (p. 06)

As categorias fenomenológicas são gerais e, portanto, aplicáveis a todo e qualquer fenômeno, seja um objeto material, um delírio, uma lembrança ou a sugestão de um sentimento, desde que possa ser observado em sua ocorrência fenomenológica. Da análise fenomenológica resulta que o *faneron* é regido por

três categorias fenomenológicas que se exibem concomitante e ininterruptamente. São elas: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade.

Tento uma análise do que aparece no mundo. Aquilo com que estamos lidando não é metafísica: é lógica, apenas. Portanto, não perguntamos o que realmente existe, apenas o que aparece a cada um de nós em todos os momentos de nossas vidas. Analiso a experiência, que é resultante cognitiva de nossas vidas passadas, e nela encontro três elementos. Denomino-os Categorias. Pudessem eu transmiti-las ao leitor de modo tão vívido, claro e racional como se me apresentam! Mas elas assim se tornarão para o leitor se este lhes dedicar suficiente atenção e meditação. (Peirce, 1999, p. 22-23)

A primeira vez que Peirce fez a proposição de suas categorias fundamentais foi ainda no século XIX (1867), através da publicação do artigo intitulado “Sobre uma Nova Lista de Categorias”. Ao longo de 35 anos, ele reformulou algumas vezes essas categorias, aprimorando-as e tornando-as cada vez mais gerais, até chegar às três categorias fenomenológicas que conhecemos atualmente. Em extensos e diversos trechos de sua farta obra, procurou descrevê-las e apresentá-las de maneira que seus leitores pudessem compreendê-las do modo como ele as entendia.

As próximas páginas deste artigo servirão, justamente, para a explicação do que são e o que caracteriza cada uma das categorias. Para esse fim, apresenta-se a seguir a representação diagramática visual do *faneron* e como as categorias se engendram na análise fenomenológica. À medida que o diagrama for defendido, as explicações teóricas sobre as categorias serão esclarecidas e o diagrama defendido. Esta é uma forma de buscar uma maior clareza interpretativa, trazendo mais repertório ao campo lógico da imaginação.

Categorias fenomenológicas: a dimensão diagramática do *faneron*

É através da proposição diagramática que se busca quebrar um pouco do formalismo das palavras para que a apreensão dos conceitos se faça, também, envolta em qualidades trazidas pelo uso da linguagem visual. Assim, procura-se aqui a aproximação de toda subjetividade que o estudo da Semiótica Peirceana oferece, entregando ao leitor, a interpretação (a partir da interferência da

linguagem visual) do que é a Semiótica. Sugere-se, portanto, que para conhecer a Semiótica Peirceana é interessante que o próprio discurso explicativo lance mão de outras linguagens para que torne mais forte o elo cognoscível entre o interlocutor (interpretador) e o contexto que envolve o conhecimento científico. Esse é, justamente, o sentido de uma proposição diagramática.

David Sperling (2003), em conferência e artigo publicado na ocasião do “VII Congresso Iberoamericano de Gráfica Digital”, nos oferece um panorama geral dos teóricos e suas linhas científicas que tratam do conceito de diagrama, como na passagem a seguir:

Na Lógica Matemática, Costa (1980) associa o diagrama ao funcionamento da intuição na construção de raciocínios lógicos. Para a lógica, os fenômenos são captados pela intuição sensível e processados pela intuição intelectual, as quais propiciam uma visualização dotada de certa evidência das experiências ou dos objetos com que se trabalha, o que permite a aquisição de conhecimentos imediatos, concernentes a objetos e relações. Ainda na mesma disciplina, March (1971) e Boaventura (2006), referem-se ao grafo, espécie de diagrama, de maneira similar, destacando-o como meio que permite respectivamente a percepção global de aspectos topológicos e a revelação de uma estrutura essencial de um conjunto de relações. (p.37)

Diante das explicações acima, torna-se notável e importante a presença dos diagramas como ferramentas que auxiliam sobremaneira a construção do discurso científico. Aqui, os diagramas são pensados e propostos não para apresentar o empirismo da ciência, mas, ao contrário, para auxiliar no entendimento do próprio raciocínio lógico da sua teoria.

Assim, o diagrama é antes de tudo um modo de pensamento, exploratório e experimental, em que o processo de associações, aberto, tem papel fundamental. Um pensamento que ultrapassa a linearidade operativa para se organizar por relações sistêmicas. (Lacombe, 2007, p.205)

A exploração de recursos variados de linguagens (hibridizações de textos, imagens, sons, movimentos) na composição do discurso, se mostra bastante eficiente nesse sentido, uma vez que suas representações são capazes de evocar determinadas abstrações que a força simbólica gramatical exclusiva do verbo, muitas vezes, não permite. O uso dos diagramas torna-se importante pelo fato de esse tipo de representação visual abrir-se às interpretações – das associações

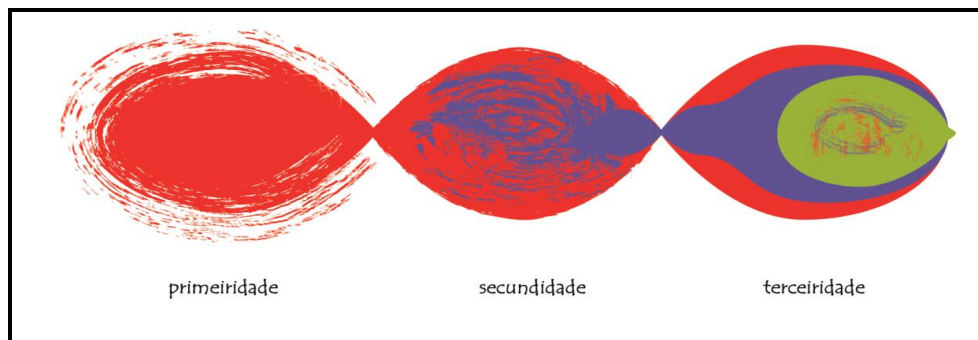
imagéticas – aos interlocutores. Tratamos a imagem diagramática como uma extensão visual do discurso científico que auxilia a compreensão geral da ciência, através de um exercício interpretativo mais aberto. Segundo o próprio Peirce,

Não apenas temos de selecionar os traços do diagrama ao qual será pertinente prestar atenção, como também é da maior importância voltar mais de uma vez a certos traços. Caso contrário, embora nossas conclusões possam estar corretas, não serão as conclusões particulares de que estamos visando. A habilidade maior, porém, consiste na introdução de abstrações adequadas. (Peirce, 1999, p. 216)

O diagrama a seguir foi desenvolvido para representar, do ponto de vista visual, o modo como as categorias fenomenológicas se apresentam. Na medida em que a representação diagramática for elucidada, a conceituação de cada uma das três categorias tornar-se-á mais clara. Mas, antes de explicar os significados de cada uma delas, é importante explicitar duas premissas básicas.

1 – As três categorias fenomenológicas (universais) formam a composição fundamental de todo e qualquer fenômeno. Ainda que o *faneron* tenha a visível predominância de uma dessas categorias, as outras duas também estarão presentes em algum grau naquele fenômeno analisado. Ou seja, não existe um *faneron* que não seja regido pelas três categorias. Cada uma será responsável por uma dada característica do fenômeno.

2 – O *faneron* (fenômeno) é um *continuum* no tempo. Apesar de aqui tratarmos, em certas ocasiões, do fenômeno como algo, em verdade ele é um eterno tornar-se algo. A análise fenomenológica é realizada através da observação do fenômeno em um recorte preciso da sua continuidade histórica.



Tendo em vista as duas premissas acima colocadas e a noção conceitual do que é o estudo do *faneron* para Peirce, passamos ao esclarecimento dos significados da composição visual do diagrama que representa o conceito de fenômeno.

À primeira vista, a característica mais nítida ao observarmos a imagem do diagrama é a identificação da forma geral, tríplice helicoidal, baseada no símbolo do infinito. O que representa essa caracterização visual deve estar claro desde o início: a ideia de que as categorias fenomenológicas estão imersas no princípio ontológico temporal do ser existir em processo.

Tal como exposto na 2^a premissa, as categorias fenomenológicas são um continuum, ou seja, elas se transformam, na medida em que o fenômeno passa a existir no mundo. Todo fenômeno parte de uma possibilidade (vir a ser) e se desdobra em outra possibilidade (tornar-se outro) *ad infinitum*. Para que possamos representar o *faneron* visualmente, é interessante que lancemos mão de uma forma visual que dê conta da amplitude e generalidade daquilo que representa. Justifica-se, assim, a escolha por usarmos o símbolo do infinito como ponto de partida para o desenvolvimento da representação diagramática do fenômeno.

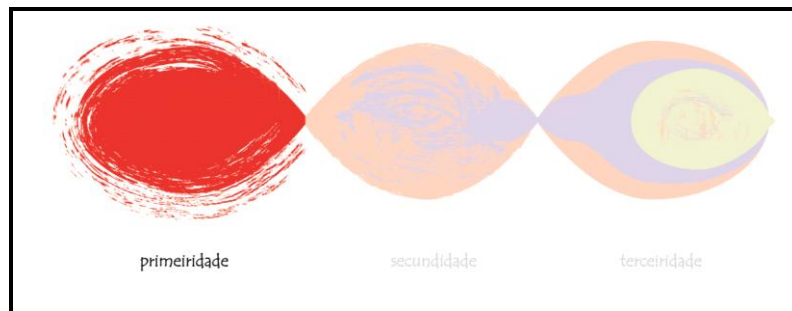
No entanto, é importante deixar claro que o diagrama foi desenvolvido de modo adaptado, sendo possível notarmos variações em relação ao símbolo do infinito tal como comumente é apresentado. Cada adaptação visual tem uma justificativa para assegurar a representação fiel do conceito. Assim sendo, passamos ao esclarecimento:

Primeiridade

A primeiridade é a categoria que rege as qualidades de sensação, a presentidade, a espontaneidade, a talidade do fenômeno que se analisa. Arena das qualidades e possibilidades, essa categoria é responsável pela possibilidade de todo e qualquer fenômeno existir e estar apto a qualquer tipo de experiência no mundo. É o leque infinito de possibilidades de algo vir a ser. O algo, no caso,

é o fenômeno; vir a ser é, por assim dizer, a anunciação, a potência de materialização no mundo, a abertura para sua experiência. É inerente, ainda, a essa categoria a ideia de mônada. Isso significa dizer que, do ponto de vista metafísico, é a talidade do fenômeno, seu modo pré-maturo, sua essência ainda no reino da qualidade, sem aspectos definidos, partes identificáveis ou corpo. A própria qualidade de sensação, sem que seja possível definir qual seja a sensação.

Se prestarmos atenção ao destaque da parte do gráfico que representa a primeiridade, serão percebidas características especiais na forma.



1) Destacamos o fato de essa parte só ser composta por uma única cor. Isso reflete visualmente os conceitos de talidade, pureza, qualidade do fenômeno. Se colocássemos outra cor, certamente isso indicaria uma reação, uma existência concreta de algo com referência a outro. No entanto, o que há na primeiridade e nessa representação visual é o fato de a primeiridade não dar conta, ainda, de uma existência. Segundo o próprio autor,

Não me refiro ao experienciar agora a sensação, ou vivê-la na imaginação ou na memória. Nesses casos a qualidade é apenas um elemento envolvido no evento. Interessa-me a qualidade em si mesma, que é um poder-ser não necessariamente realizado. (...) eu não considero o que é verdadeiro, nem tampouco o que aparece realmente. (Peirce, 1974, p. 95)

2) Outras características inerentes à categoria da primeiridade são as ideias de potência, possibilidade e infinitude. Buscamos representar graficamente esses princípios através do contorno da forma. Um contorno sem definição clara, abalroado de elementos dispersos, que tendem a se firmar na imagem para existirem enquanto forma. Uma tendência das qualidades (as marcas vermelhas) se manifestarem em algo num momento subsequente.

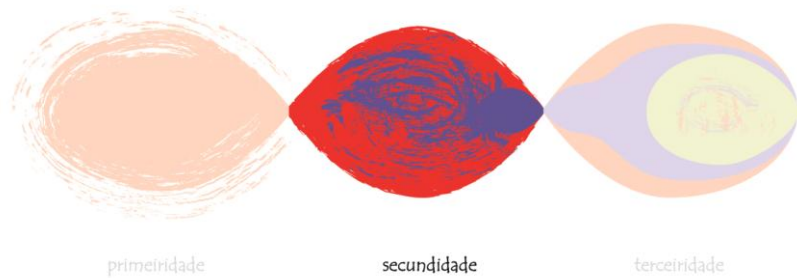
3) Essas qualidades potenciais iniciam um processo de movimento, rumo à forma, se encaixando e direcionando o caminho do gráfico para a segunda parte (secundidade). É possível notar que a forma gráfica vai sendo mais nítida, diminuindo o número de elementos dispersos e o símbolo vai ganhando contorno mais definido. Isso reflete a transição da primeiridade rumo à secundidade. O momento em que o estado fenomenológico vai deixando de ser uma mera qualidade vaga, tendenciando a existir enquanto conflito e despertar de emoções.

Secundidade

A materialização de um determinado fenômeno é uma etapa fenomenológica correspondentemente regida pela segunda categoria classificada por Peirce: a secundidade. A esta são atribuídas as características de apresentação, ação e reação, existência, conformação, resistência, atualidade e conflito.

A segunda categoria - o traço seguinte comum a tudo que é presente a consciência - é o elemento de 'conflito'. (...) Por conflito, explico que entendo a ação mútua de duas coisas sem relação com um terceiro, ou medium, e sem levar em conta qualquer lei da ação. (Peirce, 1974, p. 96)

É através da regência dessa categoria que o fenômeno se corporifica, ganha materialização em seu universo, existe e, enfim, torna-se apto às experiências no mundo. Observando por esse sentido, podemos apontar que a secundidade é a arena da resistência do fenômeno. Embora seja um existente, esse fenômeno não tem força representativa, pois ainda não foi submetido a nenhum tipo de relação interpretativa com um terceiro que o interprete. Ou seja, o fenômeno existe, mas não está representado. Ele reage no reconhecimento formal de certa corporificação. “A ideia de segundo predomina nas idéias de causação e força estática. Causa e efeito são dois; e forças estáticas sempre ocorrem aos pares. Coação é a Secundidade” (Peirce, 1974, p. 96).



Através do diagrama, podemos observar que a categoria da secundidade é representada pela inter-relação entre duas componentes do fenômeno. Os aspectos visuais que evidenciam isso são:

1) A presença da cor azul no interior da vermelha, provocando uma mistura de elementos, um processo de conflito entre duas coisas. Duas coisas existentes, que reagem, mas ainda não são totalmente definidas sobre o que são, pois ainda não são passíveis de representação. Consiste na imagem, portanto, a ideia de conflito indicando a existência clara de uma relação, ainda que esta relação não possa ser totalmente identificável do ponto de vista da representação.

2) O contorno da imagem simbólica vai ficando mais definida, com menos elementos dispersos em seu ambiente mais próximo. Isso implica dizer que no instante da secundidade, o *faneron* vai ganhando conformação corpórea, justamente pelo fato de ele reagir a alguma coisa. Uma relação que vai definindo a identidade do fenômeno.

3) Notando o caminho entre os instantes de primeiridade e terceiridade, é possível perceber que a transição (para a secundidade) é marcada pela melhor conformação visual do elemento reagente (identificado pela cor azul). À medida que caminhamos o olhar rumo à parte do diagrama correspondente à terceiridade, é possível identificar que a forma vai se tornando mais definida (representação corporal), tornando-se, portanto, um existente apto a se tornar uma representação.

Para que conclua a sua condição de *faneron* é necessário que ele estabeleça alguma relação representativa com outro fenômeno. Esse processo de

representação é o ponto de partida para começarmos a entender as características e o modus operandi da categoria da terceiridade.

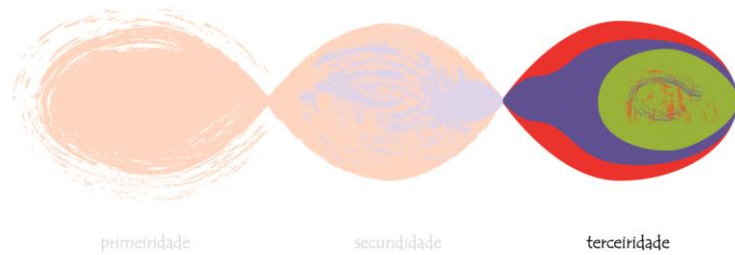
Terceiridade

Para que um fenômeno se configure como representação, como objeto passível de mediação, é necessário que a ele estejam incorporadas outras características que possam abrir sua existência ao mundo. Esse processo de abertura às possíveis interpretações e representações fenomênicas é regido pela categoria da terceiridade. À terceiridade aliam-se as ideias de generalidade, continuidade, representação, significação, propósito, mediação, infinitude, codificação, difusão, crescimento, etc.

Cabe à terceiridade a continuidade, a certeza que nada no mundo é estático. Tudo é vivo, tudo muda, se transforma. Pensando neste sentido, é fato conclusivo que, quando recortamos um fenômeno para análise, extraímos um momento da sua continuidade. Se assim o fazemos, todo recorte é uma pausa na existência do fenômeno. É através desse raciocínio que Peirce declara que a terceiridade é um medium, uma mediação. Cabe à terceiridade o papel da representação e a forma mais simples de terceiridade encontra-se na representação, ou signo. Representar é exercer o papel de mediação entre aquilo que é representado e a ideia que a representação é passível de produzir em uma mente potencial ou existente.

Por terceiro entendo o medium, ou o vínculo ligando o primeiro absoluto e o último. O começo é primeiro, o fim segundo, o meio terceiro. O fio da vida é um terceiro, o destino que o corta, um segundo. (...) A continuidade representa a terceiridade na perfeição. Qualquer processo cai nessa categoria. (Peirce, 1974, p. 98)

De posse dessas noções conceituais, finalizamos o processo de elucidação das três categorias fenomenologias através da categorização da terceiridade, levando-se em consideração os seguintes destaques:

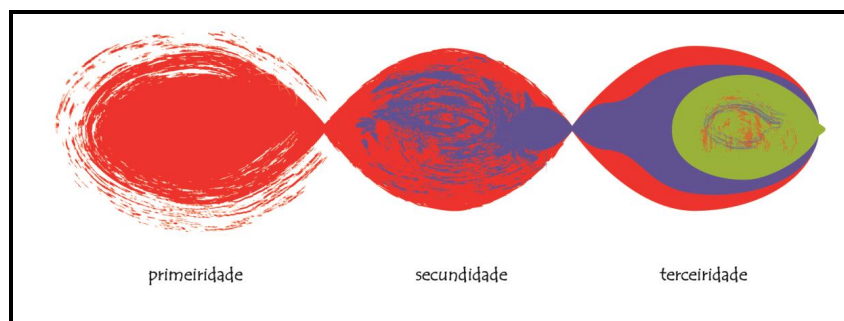


1) O contorno da forma diagramática que representa a terceiraidade é bem mais definida do que das outras duas. Isso se justifica pelo fato de que, nesse momento, o *faneron* é uma representação de alguma coisa. Tanto suas qualidades (vermelho) quanto a sua relação com outra coisa (azul) tornam-se mais claras. Isso porque essa relação agora é uma representação (verde).

2) Além de indicar a característica de representação, cabe à terceiraidade a noção de processo. É possível notar, por exemplo, que o objeto representado (verde) já esboça ação de continuidade num instante seguinte, em outra concepção fenomênica.

3) O fenômeno torna-se um medium (mediador) entre aquilo que ele representa e o que ele virá a ser. Essa mediação fica clara pelo fato de o *faneron* ter uma memória interna, a lembrança daquilo que ele representa qualitativamente.

Considerações Finais



A partir das informações acima descritas e da explicação do diagrama, pedimos que nosso interlocutor reveja o diagrama, deixando fluir a significação de cada detalhe visual.

Acreditamos, agora, ter tornado mais claro o que são e como se dão os movimentos dos *fanerons* no mundo. Em resumo pontuamos:

1) As três categorias fenomenológicas são onipresentes em qualquer fenômeno e aparecem de forma engendradora, ou seja, são concomitantes, relacionam-se conjuntamente.

2) O *faneron* é materializável enquanto elemento reagente (predominante em sua secundidade) e só se torna uma representação genuína em sua terceiridade.

3) Os fenômenos podem se apresentar em predominância de alguma das três categorias, o que acaba conferindo a ele uma identidade com atributos próximos àqueles governados pela categoria em destaque.

Outra questão de suma relevância é que a terceiridade, categoria da representação, isto é, do signo, brota da própria fenomenologia. Esse é o elo de ligação entre a Fenomenologia e a Semiótica Peirceana. Terceiridade é representação, continuidade, generalidade e abertura para interpretação.

Referências

CP é a notação usual para fazer referência à obra **Collected Papers of Charles Sanders Peirce** editada por HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul & BURKS, Arthur. Eletronic Edition. Vols. I-VI. Hartshorne, C. & Wiss, P. (ed). Cambridge: Harvard University, 1931-1935 & Vols. VII-VIII. Burks, A. W. (ed). Cambridge: Harvard University, 1958.

ALMEIDA, Cândida. **Web design**: guia de produção e análise. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BOAVENTURA NETTO, Paulo O. **Grafos - Teoria, Modelos, Algoritmos**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2006.

Chandrasekaran, Balakrishnan. Multimodal Representations as Basis for Cognitive Architecture: Making Perception More Central to Intelligent Behavior. In Musen, Mark, Neumann, Bernd & Studer, Rudi (eds.). **Intelligent Information Processing**, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, vol. 93, p. 13-16. 2002.

-
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. José Carlos Rodrigues (trad.). Lisboa: Veja, 1998.
- _____. The diagram. In Boundas, Constantin V. (ed.). **The Deleuze Reader.**, New York: Columbia University Press, pp. 194-199, 1993.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (Vol. 2). Ana Lucia de Oliveira e Lucia Claudia Leão (trad). Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- GLASGOW, Janice & DIMITRI, Papadias. Computational Imagery. In **Cognitive Science**. Vol. 16, 3^a edição, p. 355-394. Elsevier, 1992.
- Glasgow, Janice., N. Hari. Narayanan, and B. Chandrasekaran (eds) **Diagrammatic reasoning: cognitive and computational perspectives**. Cambridge (MA): The MIT Press, 1995.
- IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noētós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Perspectiva, Hólon, 1992.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. **The collected papers of Charles Sanders Peirce. Eletronic Edition Vols. I-VI**. Hartshorne, C. & Wiss, P. (ed). Cambridge: Harvard University (1931-1935), 1994.
- _____. **The collected papers of Charles Sanders Peirce. Eletronic Edition Vols. VII-VIII**. Burks, A. W. (ed). Cambridge: Harvard University (1958), 1994.
- _____. **Os pensadores, vol. XXVI**. São Paulo: Abril, 1974.
- SANTAELLA, Lucia. **O método anticartesiano de C.S. Peirce**. São Paulo: UNESP, 2004.
- _____. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2000.
- _____. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- _____. **Semiose e Autogeração**. A teoria geral dos signos. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. **Estética de Platão à Peirce**. São Paulo: Experimento, 1994.
- _____. **Assinatura das coisas: Peirce e a Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.